

Cataguases: a importação plástica como vontade modernista

Cristina Ávila



Retrato de Francisco Inácio Peixoto, de Cândido Portinari, 1945

se define e se faz presente em Cataguases.

"A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto." - Edgard Salvadori De Decca



Retrato de Marques Rebello, de Jan Zack

Por essa época surge em todo o mundo o sentimento de progresso, avanço de desenvolvimento que incrementaria o sentido das nacionalidades, acirrado após a 1ª Grande Guerra. Todos se apraziam de um "espírito moderno", expressão esta de origem europeia que se torna corriqueira entre a intelectualidade artística brasileira após as famosas conferências de Graça Aranha e Mário de Andrade em "A Semana".

Há, assim, uma incipiente atitude de abertura que operará grandes mudanças nos planos das idéias sejam estas artísticas, políticas ou sociais. Amplia-se a concepção do mundo no mesmo momento em que se revaloriza a identidade nacional, em um nativismo consensitizado e crítico, diferenciado daquele que se verifica no romantismo plástico ou literário, ainda formalmente acadêmico, de um José de Alencar ou Rodolfo Amoedo, exaltador do indianismo idealizado.

As idéias modernistas do eixo Rio-São Paulo, no entanto, não circulam suficientemente para que haja um paralelo contágio estético nos outros estados, com exceção do que ocorre em Minas Gerais com o surgimento de A Revista, em 1925 (BH) e do Grupo Verde em 1927.

Na verdade, a diferença cronológica entre o fato modernista paulista e os grupos literários mineiros é apenas relativa se considerarmos que a "Paulicéia Desvairada", de Mário de Andrade, é de 1922; a Conferência de Graça Aranha na Academia Brasileira de Letras, "Espírito Moderno", é de 1924; a Revista Estética, de Prudente de Moraes e Sérgio Buarque de Holanda, é de 1924 a 1925; o "Manifesto Pau-Brasil" e "A Escrava que não é Isaura", são de 1925 e, assim por diante, enquanto o Manifesto Antropofágico - o mais radical dos manifestos modernistas - só apareceria em 1928. Já não que se refere às artes-plásticas, a defasagem e o desconhecimento é maior, talvez pela dificuldade do conhecimento plástico, já que as exposições itinerantes dos artistas modernistas só se verificaram com alguma intensidade a partir de 1930 - quando há uma maior abertura do eixo Rio-São Paulo e quando se consolida a vinda da missão educacional, em 1929, através da iniciativa de Antônio Carlos em Belo Horizonte.

Com relação a questão das artes plásticas em Cataguases, muito pouco se conhece e a pesquisa incipiente mostra caminhos diferenciados do que se verifica com o "Grupo Verde". Na verdade o grupo , ainda que atuante e preocupado com a questão estética, teve uma influência relativamente pequena quanto a um "modernismo artístico" na cidade, o que se verificará a partir do incremento do movimento artístico de Francisco Inácio Peixoto na década de 40.

Observa-se, no entanto, desde inícios do século XX, uma vivência de progresso na cidade, especialmente no plano da infraestrutura urbana, que se daria de forma mais evidenciada após a chamada crise nacional do café. Fato importantíssimo para o crescimento da localidade foi a chegada da eletricidade, em 1908, com a inauguração da CIA. Força e Luz- Cataguases/ Leopoldina. Por essa época, a CIA, de Fiação e Tecelagem de Cataguases passa às mãos do abastado comerciante português Manoel Inácio Peixoto. O município conta ainda com duas fábricas de meias, uma de cerveja e bebidas alcoólicas, uma de sabão, duas refinarias de açúcar e uma tinturaria.

Naturalmente, a dinâmica provocada pelas novas atividades econômicas propicia o desenvolvimento da vida social. Surgem clubes recreativos, teatros e um órgão oficial de imprensa: o Jornal de Cataguases. A chegada da telefonia em 1911 incrementa ainda mais a aura progressista da localidade. Em 1915 aparece a "Revista do Interior" e em 1917 a "Revista da Mata", cujo serviço fotográfico fica a cargo de Alberto Laudos chamado, segundo Enrique de Resende, de "artista das fotografias indeleáveis."

No Teatro Recreio são levadas ao público peças de Rebelino Batista e em 1915/ 1916 podem ser vistos em Cataguases os ilusionistas da Tromp Eniseb, os transformistas de Silva Lisboa, os grupos dramáticos de Taveira e Silva, Bernardo de Abreu e Tina do Vale.

Em 1915, aparecem no Jornal de Cataguases duas pequenas notas sobre uma exposição de Delpino Júnior, filho do conhecido pintor acadêmico mineiro Alberto Delpino. É impossível uma avaliação precisa do que foi exposto pelo artista no dia 2 de agosto no "Comercial Club", mas, de acordo com o noticiário do periódico local, o artista é apresentado como caricaturista:

"Está na cidade este exímio caricaturista mineiro, filho do grande pintor Alberto Delpino.(...) Fará a sua apresentação o nosso ilustre e distinto conterrâneo e maviioso poeta Dr. Henrique de Resende.(...)"

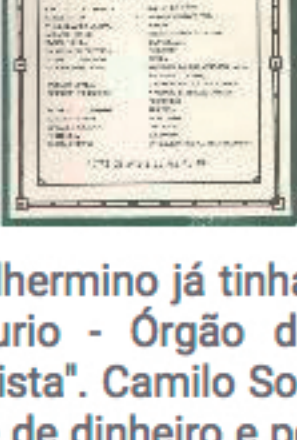
Essa incipiente efervescência cultural, o surgimento do Grupo Verde em 1927 e, ao mesmo tempo, o desconhecimento de tendências plásticas avançadas em Cataguases aproxima sua realidade artística com a de Belo Horizonte. A nova capital nos anos 20 apresenta um visível distanciamento estético entre o grupo modernista literário de "A Revista" e os famosos "Salões de Arte Mineira"então de cunho eminentemente acadêmico.

No que se refere a Cataguases o problema se torna de mais difícil abordagem já que não encontramos aí a atuação de um personagem catalisador das iniciativas plásticas locais, como foi Aníbal Mattos, em Belo Horizonte.

Aníbal Mattos, fluminense e radicado em Belo Horizonte , a partir de 1917, exerce as funções de jornalista, crítico, fotógrafo, autor teatral, professor, paleontólogo, além, é claro, de sua atividade privada como desenhista e pintor. Este homem visionário, formado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, vivencia as primeiras tentativas de abertura da instituição que após a passagem de Grimm pelo Brasil, já havia experimentado algumas novidades de pesquisa de luz e cor que, todavia, não chegam a abalar a antiga estrutura do gosto neoclássico. Ainda que preso aos parâmetros acadêmicos, Aníbal Mattos exerce em Belo Horizonte a importante função do que chamamos hoje de "animador cultural".

O papel ocupado por Aníbal Mattos em Belo Horizonte foi exercido, segundo se aprecia pela documentação jornalística levantada, por Henrique de Resende, ainda timidamente e ampliado pelo Grupo Verde, com o lançamento de sua "Revista Verde" em 1927 e, com a participação efetiva do poeta Rosário Fusco em busca de uma linguagem plástica moderna, ir-se consolidar a partir de 40 através de Francisco Inácio Peixoto, também integrante do movimento.

Na verdade o "espírito moderno" já havia se insinuado em Cataguases numa atitude de abertura crítica, sensível e atuante que viria a provocar mudanças definitivas no plano das idéias e dos costumes locais.



Em correspondência à escritora Lais Correia de Araújo, Rosário Fusco revela como teria chegado o modernismo até Cataguases: "nós recebemos o modernismo em 23,24, por intermédio de Ascânio e de João Luiz de Almeida. Ascânio trazendo conversas de Belo Horizonte e João Luiz de Almeida trazendo livros do Rio (...) Mas, em 1927, eu já trazia versos modernistas datados de 24. Por quê? Porque

o Guilherme já tinha ouvido o galo cantar (Onde? Aí no Rio?) de um jornal - O Mercurio - Órgão da Associação Comercial, publicava tudo o que fosse "futurista". Camilo Soares também ajudou. Todos esses rapazes eram filhos de gente de dinheiro e podiam comprar livros, revistas e jornais. Livros raros então (o modernismo só começou a funcionar mesmo, em livro, a partir de 24,25).

Será assim que verificará um primeiro intercâmbio de idéias que iriam se consolidar através da série de correspondência entre os "Verdes" e o grupo paulista e, em especial, entre Rosário Fusco e Mário de Andrade.

Folheando Verde, desde o seu primeiro número vê-se que o grupo se preocupava com a apresentação gráfica da revista, seja na qualidade do papel, nas variantes tipográficas, na criação do logotipo e até mesmo na simbologia da cor verde, que representa imaturidade e nacionalismo. Acompanham os textos publicados, tímidas ilustrações, algumas assinadas pela instigante figura de Rosário Fusco e outras pela desenhista argentina Maria Clemência, com quem o grupo mantinha contato também através de correspondência.

Se a informação chegara a Cataguases via livros, jornais e revistas, o mesmo não se daria quanto às influências visuais plásticas, de difícil acesso e circulação. As poucas ilustrações de Rosário Fusco revelam uma preocupação intimista, com o sentido psicológico imanente ao desenho e uma busca de simplicidade ou sínteses gráficas, presentes também na sua própria formação literária. Seu trabalho, ainda que inovador, se considerarmos a época e a localidade, não chega porém a entusiasmar, como ocorre com sua poesia, ao severo crítico e amigo Mário de Andrade. Em correspondência datada de 25 de dezembro de 1927, o modernista paulista chega mesmo a desestimular as incursões no campo visual de Fusco:

" Rosário Fusco, vou lendo e secundando. Acho que você deve pedir para Nava ilustrar o seu livro. Não gostei nada do desenho que você publicou na Verde e acho mesmo que, como você fala, está querendo abraçar o mundo com as mãos. Ou os braços. Continue assim. Isso é bonito e se parece bem com o corpo de você que apareceu na fotografia enviada. Obrigada por ela. E sim, o desenho que você botou na Verde não presta, isso não quer dizer que você não continue a desenhar. Continua. Quem sabe se ainda você chega a uma solução pessoal interessante de desenho? Ninguém pode saber. Agora esse futuro não é suficiente para que você vá encher a codaque de desenhos ruins." (sic)

A repercussão alcançada pela revista Verde aumenta as relações intelectuais do grupo que recebe colaboração e sugestões diversas, duas cartas da Alcântara Machado a Rosário Fusco, que discutem o aspecto visual da revista sendo que na primeira, datada de 5 de dezembro de 1927, há dicas quanto à diagramação de textos e o acabamento gráfico demonstrando uma curiosa preocupação com a modernização de Verde:

" O aspecto material prosperou. Eu se fosse você ainda o simplificaria mais um bocado. Enfeia-o muito desenhinho tipográfico. Na capa, além da margem bastaria um quadrado preto cercando o sumário. Não dois como agora. Nos paralelepípedos que ladeiam o título arranque os pontinhos. As letras bastam. Tire também os traços desenhados que separam os artigos. O que está entre o conto do Alphonsus e a poesia do Camilo (décima página) é horroroso. Para que separação? Para esse fim bastariam os títulos . Mas querendo separar ponha um traço e mais nada. Uma linha como se diz em língua tipográfica."

A sábia lição de Alcântara Machado propiciaria uma limpeza no aspecto gráfico de Verde, que perde o visual carregado decorrente do uso de excessivas vinhetas e cercaduras dos primeiros números, ganhando uma sobriedade tipográfica de tendência menos decorativa e mais ao gosto moderno. Após ter efetivado as mudanças sugeridas, Rosário Fusco recebe, em correspondência datada de 11 de janeiro de 1928, os elogios do escritor pela Verde renovada:

"Destá vez Rosário Fusco, vocês fizeram de fato um bonito.Verde saiu bonita como uma árvore. Desde o aspecto tipográfico." Com referências a contatos com artistas plásticos, através de pesquisas no "O Cataguases" verifica-se que, por iniciativa dos verdes, a edição de 2 de março de 1928, expõe na cidade o festejado Aníbal Mattos que excursionava pelo interior do Estado. A exposição obteve grande repercussão na localidade, sendo amplamente divulgada. A crítica inerente a essas notícias se faz como o usual à época, na forma de entusiástica adjectivação, sem nenhum conteúdo interpretativo. Observa-se que o destaque dado à informação é tanto que a matéria sai na primeira página de um jornal de domingo:

(...) "Uma notícia que, certamente, deve interessar à nossa população, enchendo-a de entusiasmo e orgulho,é a de que chegou três-anteontem a esta cidade o fino estheta de pinheta e do verso, Aníbal Mattos, o qualissimo (sic) que nestes tempos de indalheza e de descaso pela arte, vem realizando mineiro uma grande aspiração do seu gênio, numa demonstração expont de valor artístico e de trabalho esthetic. (...) Aníbal Mattos (...) vem expôr os seus afamados trabalhos em quadros que a critica já consagrou como telas molares de gosto e perfeição." (sic)

A iniciativa alcançou enorme sucesso, tendo a Câmara Municipal adquirido o quadro "Ipê Amarelo". Foram também adquiridos por particulares diversas obras como "Serra da Piedade", pelo Dr. Sandoval Azevedo e, entre outros compradores, temos: o poeta Henrique de Resende; José Peixoto, redator do periódico; Antônio Lobo Leite e outros. Aníbal Mattos, entusiastado com o interesse da população por sua obra, chega a levar consigo vistas da cidade para reproduzir em telas. Essas, não se sabe sequer se chegaram a ser pintadas, mas a informação denota o interesse despertado no artista pelo ambiente encontrado em Cataguases.

Numa entrevista concedida ao "Correio Mineiro", reproduzida no mesmo Cataguases, Aníbal Mattos relata sua admiração pela cidade: "Cataguases, depois de Juiz de Fora, é a Matã, cidade que mais surpreende pelo seu movimento (...) E, intelectualmente (...) Cataguases está na vanguarda de nosso movimento literário. Intelectuais jovens, tendo à frente esse admirável poeta que é Henrique de Resende, fundaram o "Grupo Verde" filiado às mais modernas tendências literárias.(...) Onde a construção moderna está esplendidamente representada é em Cataguases. Várias são as casas particulares em das inferiores às boas residências do Rio e de São Paulo. Basta citar as nos Drs. Gabriel Junqueira, Sandoval Azevedo, Lobo Junior, Manoel Peixoto e Pedro Dutra. As duas últimas, situadas admiravelmente na avenida principal, elegantemente cortada por um ribeirão canalizado, são habitações moderníssimas , feitas com rigoroso cuidado e um tal requinte de elegância e conteúdo que, chego a duvidar, possa haver construções melhores em nosso país. "Cataguases é a cidade que anseia ser uma verdadeira cidade moderna. E para aproveitar todas as belezas da encantada "Verdade Verde", que duas fábricas brasileiras de "films", estão fazendo as melhores filmagens do Brasil."

A entrevista acima registrada demonstra a "aura de modernidade" que Cataguases já tem conquistado em fins da década de 20. Os "Verdes" são reconhecidos como os promotores do moderno, do atual e, o progresso ansiado e exaltado à época, é confirmado pelo parecer de um dos maiores formadores de opinião de Minas Gerais.

A influência de Aníbal Mattos em Cataguases não foi, no entanto,além dos elogios e da admiração mútua. O jovem aspirante a artista Rosário Fusco deve ter ficado bastante impressionado com o trabalho do pintor. Com certeza eram poucas as suas possibilidades de conhecimento de obras de arte. É certo que o pintor causa alguma impressão em Rosário Fusco, que chega a produzir pequenas paisagens à óleo sobre tela, onde revela uma percepção grossa com aumento de tinta em determinados pontos, como se observava também na obra de Aníbal Mattos. Dessas telas se conhecidas apenas duas (Col. Joaquim Branco), onde o tema se repete na mesma concepção do paisagismo de Mattos, de forte tendência pós-impressionista. As poucas incursões de Rosário de Fusco nas artes-plásticas revelam ainda pequenos desenhos de caráter lírico, de linhas simplificadas onde se vê uma forte influência de Tarsila do Amaral, cuja obra se tornara conhecida do poeta através de ilustração da segunda metade da década de 20, quando a pintora é fortemente impressionada pela arte colonial mineira. Os desenhos de Fusco transmitem a mesma preocupação com o retrato da paisagem cotidiana de pequenas localidades.

A dispersão do Grupo Verde nos anos 30 causará a maior momentânea à cidade que, no entanto, já se vê preparada para a absorção da estética modernista na arquitetura e artes plásticas que se verificará de maneira efetiva, mudando a feição eclética da cidade, na década seguinte.

Nos anos 40, a presença de Francisco Inácio Peixoto vai incrementar a construção de prédios modernistas como o do Colégio Cataguases (projeto de Oscar Niemayer) e expandirá o gosto do moderno que se espalha entre as famílias de posse da cidade, originando coleções preciosas onde se encontram obras de grandes artistas nacionais e internacionais.

Será novamente a partir de correspondência que teremos um registro importante da aquisição das obras que se espalham pela cidade e que compõem a coleção do próprio Francisco Inácio Peixoto, do Museu da Cidade, da Srª Joséliã Pacheco e outros.

A vasta correspondência entre Francisco Peixoto e o Museuólogo e Escritor Marques Rebello demonstra a orientação dada por este último na conformação de sua coleção, na encomenda de trabalhos escultóricos e painéis pictóricos ou de azulejos, que serão a marca registrada da arte aplicada à arquitetura moderna na cidade.

A correspondência entre os dois escritores denuncia uma cumplicidade cultural, com comentários sobre cinema, literatura e naturalmente a arte. A orientação de Marques Rebello impulsiona a compulsão de colecionador de Francisco Peixoto:

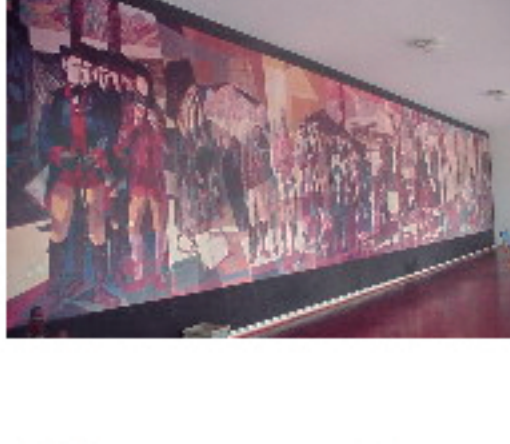
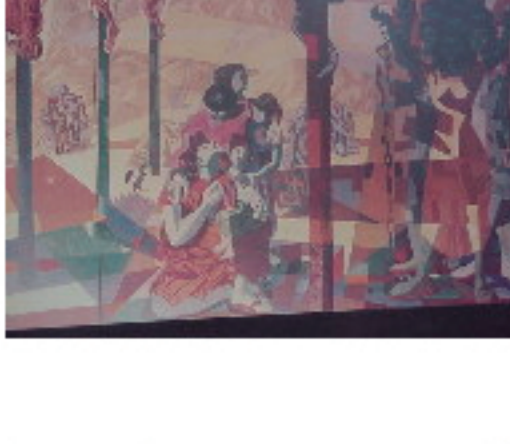
"Enviei um tapete incaico, dos índios do norte da Argentina.É muito vistoso. Você já tem um mexicano, ficará agora com dois bem decorativos. Quanto ao quadro de Petioruti está se arrumando (...). Gostei da história do Gínasio(...), enviei uma coisetas curiosas sobre urbanização que você poderá aproveitar aí.(...)Tenho observado muita coisa que depois poderemos fazer em Cataguases. Baratas e de grande importância para ventilação geral dos crânios cataguasenses."

No trecho acima citado, fica bastante claro o papel de orientador artístico exercido por Marques Rebello. Nota-se ainda na frase grifada a herança modernista na intencionalidade consciente de estar à frente e sacudir o "passadismo" estético.

Através de Oscar Niemayer, a quem havia encomendado o projeto de sua própria residência, em 1940 e, do Colégio, em 1945, Francisco Inácio Peixoto traz para Cataguases Cândido Portinari, pintor modernista, já na ocasião de grande importância, tendo obras no Museu de Arte Moderna de Nova York, (1938) e, sendo o autor de três painéis para o pavilhão brasileiro da Feira Mundial, (1939).

Em outubro de 1948 "O Estudante", periódico do Colégio de Cataguases, anuncia a visita à instituição por parte da companhia dos arquitetos Oscar Niemeyer, Hélio Uchoa e Duprat, bem como de Paulo Werneck (cujo painel de pastilhas já se encontrava no Colégio). Na ocasião, a encomenda já estava definida:

"...o mural do nosso colégio terá 18m por4m. Tendo como tema Tiradentes, dividido em 4 partes: conjuração, julgamento, enforcamento e esartejamento."



Através de acertos por correspondência, se efetiva a encomenda e em julho de 1949 a obra é concluída. O sucesso alcançado pelo painel se evidencia pelo volume de críticas positivas após a exposição do painel no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Entre diversas outras selecionamos algumas das opiniões mais entusiásticas sobre o mural, de José Pancetti: "O Brasil inteiro pode orgulhar-se dessa obra imponente de Cândido Portinari. Ela vai ficar em Cataguases, mas pertence a todo Brasil."

E segundo a revista italiana "Tempo" (Milano): Il Giotto brasileiro(...). "Forse poche opere moderne rinchiudono tanta forza e tanta tragedia."

Menotti del Picchia: " O novo mural de Portinari sobre Tiradentes, feliz Minas Gerais que vai observando as melhores obras deste grande artista!"

Em 11 de dezembro de 1949 é inaugurado o mural "Tiradentes". Nele verifica-se o pós-cubismo desenvolvido pelo artista à visão dimensionada do espaço pictural, onde a sobreposição de planos não se desprende de noção de profundidade, só possível pela intuição técnica classizante e virtuosista. O tema, por seu caráter narrativo-histórico, acaba por enunciar uma necessidade ilustrativa onde se revelam alegorias à liberdade como correntes partidias, membros expostos, figuras em lamentação, além, é claro, do fundo esquematizado das referencias montanhas de Minas. A grandiloquência temática se ajusta ao formulário imagético da composição, daí a comparação feita pela revista italiana Giotto.

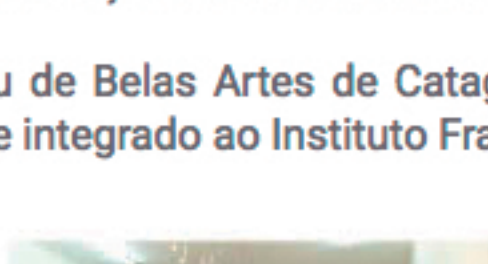
A importância do painel para Cataguases está justamente na sua exposição pública. O aparecimento do modernismo explicitamente visual cria uma relação dinâmica entre a comunidade e o modernismo nacionalista pós Getulista. Não se trata aqui de uma vinculação propriamente ideológica, no sentido semântico da palavra, mas sim de uma referência psicológica à "aura do modernismo" enunciada pelos verdes à recolocação via Francisco Inácio Peixoto. Se por um lado, a partir da construção do Colégio e de outros edifícios públicos sugere-se o convívio cotidiano com a modernidade, por outro, a população de maior poder aquisitivo se interessa pela aquisição de acervos modernos propiciando o surgimento de coleções como a Sra. Joséliã Pacheco e da artista plástica Nanzita Gomes.

No ano de 1949 surge ainda uma nova revista de caráter cultural na cidade Meia-Pataca, por iniciativa de Francisco Inácio Peixoto Filho com participação da poetisa Lina Tâmega Peixoto. No editorial de nº 2, assinado por Alphonsus de Guimaraens Filho, o autor compara a nova geração aos verdes e refere-se à intenção do novo grupo de dar continuidade ao movimento modernista de 27:

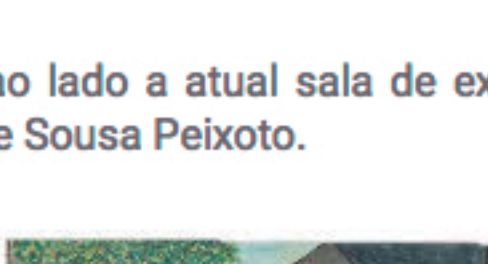
"Esta revista continuará ligando o fio interrompido há 20 anos, a tradição que Cataguases carregará consigo, nascida pelos rapazes de então, da Verde. Firma-nos-emos, não nos mesmos moldes, mas no mesmo espírito que os animou(...)."

Como em Verde, aparecem algumas ilustrações de poemas assinados por José Maria Dias da Cruz que tendem a uma inspiração surrealista mas com pouca consistência técnica. Ao longo da revista também à guisa de ilustrações são reproduzidas obras de Jean Lurçat, Maurice Utrillo, E. Machet, entre outros, todas da Coleção Francisco I. Peixoto.

O Museu de Belas Artes de Cataguases (ao lado a atual sala de exposições), está hoje integrado ao Instituto Franciscano de Sousa Peixoto.



Instituto Francisco Inácio Peixoto



Heitor dos Prazeres



Museu de Belas Artes



Heitor dos Prazeres



Fuga - Homagem a Bach, de José Maria Dias da Cruz

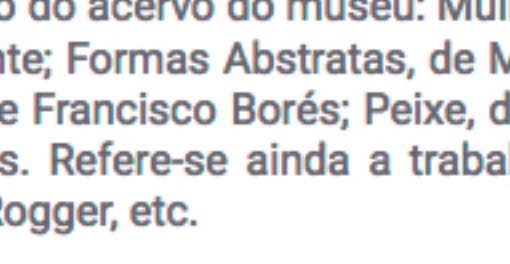


Lazzarini

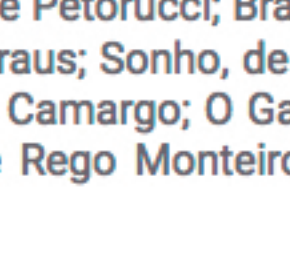


Le Goucher, de Francisco Borás

Na mesma revista, encontramos uma pequena nota sobre a criação do Museu de Arte Moderna de Cataguases, que surge por iniciativa conjunta de Marques Rebello e Francisco Inácio Peixoto. Em correspondência datada de 20 de setembro, presumivelmente do ano de 1949, Marques Rebello dá a idéia de se fazer uma exposição para arrecadar obras para a criação do Museu, os próprios moradores deveriam comprar as obras e em seguida doá-las ao Museu. Em meio a correspondência, foi encontrada ainda uma lista de peças para o museu, datada de 1950. Entre outras, são essas as obras sugeridas por Rebello para a composição do acervo do museu: Mulheres de Petorucci; Brasileiro, de Emiliano Di Cavalcante; Formas Abstratas, de Müller Kraus; Sonho, de Oswaldo Goeldi; A merenda, de Francisco Borés; Peixe, de Iberê Camargo; O Galo, de Jean Lurçat, entre outros. Refere-se ainda a trabalhos de Rego Monteiro, Cícero Dias, Jan Zack, Van Rogger, etc.



Escultura de Jan Zack, Hotel Cataguases



Escultura de Jan Zack, Residência Francisco Inácio Peixoto

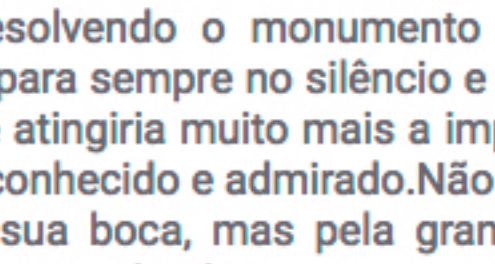
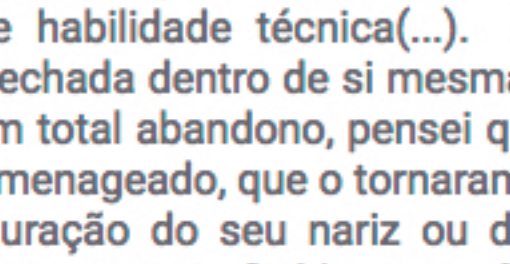


Escultura de Jan Zack, Residência Francisco Inácio Peixoto

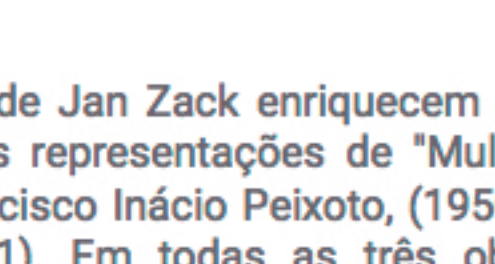
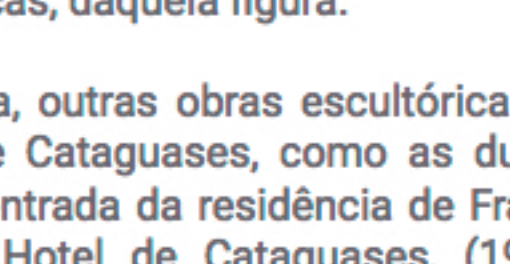
Ao longo dos anos 50, aparece uma nova série de painéis e esculturas que irão compor o ambiente modernista da cidade. Em novembro de 1950, hospeda-se em Cataguases o artista tcheco Jan Zack, tendo sido incumbido da execução do monumento à memória do professor Antônio Amaro. Em 27 de maio do ano seguinte, é inaugurado e o próprio escultor fala de sua obra:

"Quando recebi a incumbência de projetar e realizar o monumento em memória do professor Antônio Amaro, capacitei-me, desde logo, da responsabilidade que me cabia(...). Seria muito fácil limitar o problema plástico a moldes clássicos e convencionais, porque isso, afinal de contas, iria resultar, tão somente, numa exibição de habilidade técnica(...). Resolvendo o monumento numa figura sentada e fechada dentro de si mesma, para sempre no silêncio e robustez das formas, num total abandono, pensei que atingiria muito mais a importância e o valor do homenageado, que o tornaram conhecido e admirado.Não o foi, é claro, pela configuração do seu nariz ou de sua boca, mas pela grandeza de seu espírito. Este, tentei fixá-lo nas formas absolutas e, propositadamente esquemáticas, daquela figura."

Além dessa, outras obras escultóricas de Jan Zack enriquecem o patrimônio artístico de Cataguases, como as duas representações de "Mulo" (uma no jardim de entrada da residência de Francisco Inácio Peixoto, de 1950) e outra no jardim do Hotel de Cataguases, (1951). Em todas as três obras vê-se a preocupação com o tratamento dos volumes, em formas esquematizadas. As mulheres apresentam linhas arredondadas, volumetria compacta e arcaizante sem detalhamento.



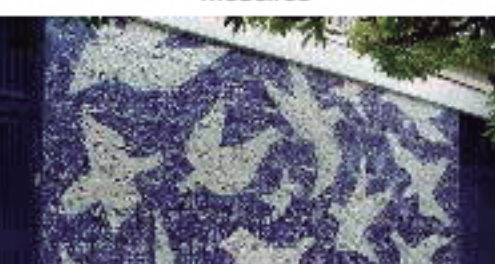
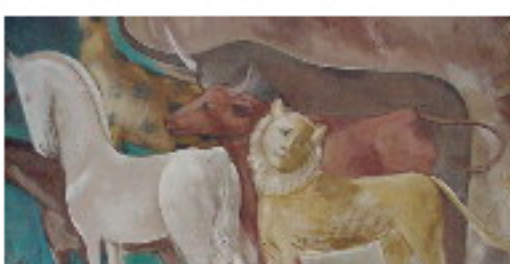
Painel do Colégio Dom Silvério, de Anísio Medeiros



Painel Criação do Mundo, de Emeric Marcier

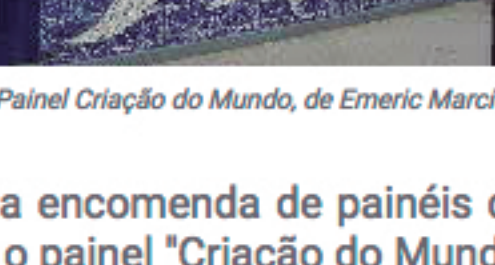
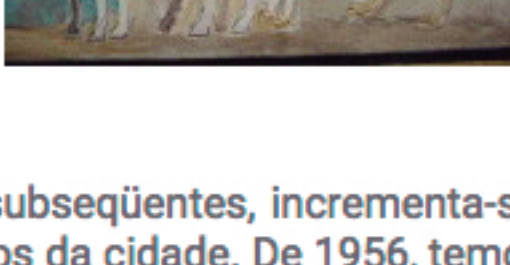
Nos anos subseqüentes, incrementa-se a encomenda de painéis decorativos e monumentos da cidade. De 1956, temos o painel "Criação do Mundo", de Emeric Marcier, no Educandário Dom Silvério. Nesse pode-se verificar um lirismo que se associa aos temas qualidades introspectivas e uma visão emocionada do sentimento religioso. As figuras em ascendência - verticalizadas e estilizadas - evocam um clima de espiritualidade. A esquematização das imagens causa os efeitos ilustrativos necessários à narrativa. Ainda no Educandário, vê-se do lado exterior, o mural de azulejos de Anísio Medeiros, composto por diagonais formadas por pássaros em desenhos simétricos. A representação de fundo em azul com grandes espaços livres em branco dá à composição o interessante efeito de positivo/negativo, à maneira alegre e poética da fase de papéis recortados de Matisse.

Os dois artistas viriam a concretizar mais um projeto similar (pintura interna, de Marcier e, painel de azulejos, de Anísio Medeiros) na residência da pintora Nanzita L. S. A. Gomes, sendo o primeiro, uma cena de "O Rapto de Helena de Tróia" e, o segundo, uma composição figurativa estilizada de uma "Feira Nordestina", de 1958.



A Pintora Nanzita Gomes

Painel Feira Nordestina, de Anísio Medeiros



Painel Rapto de Helena de Tróia, de Emeric Marcier

Natureza Morta, de Nanzita, em 1940

No ano de 1956, Cândido Portinari e Bruno Giorgi são contratados para realizarem um painel e uma escultura, que comporiam parte do projeto arquitetônico de Francisco Bolonha, erguido em homenagem a José Inácio Peixoto, sob encomenda dos empregados da CIA. Industrial de Cataguases. A escultura de Bruno Giorgi, chamada "A Família", destaca-se como um grupo escultórico de volumetria, recortada em formas estilizadas e tendendo à abstração, que viria a caracterizar a sua fase posterior. Já no painel de azulejos vitrificados, Portinari contou com a execução de América Braga, a partir de um projeto cujo estudo original se encontra na residência da Sra. Joséliã Pacheco. Nesse painel, Portinari, a partir de uma organização espacial clássica, elabora figuras geométrizadas ainda decorrentes da influência cubista, mostrando o trabalho de mulheres fiandeiras.A temática de fundo social exalta a participação feminina no trabalho de tecelagem.

Em fins dos anos 60 e começo de 70, uma nova geração literária desponta em Cataguases, com a criação do movimento da Poesia Processo, de teor fortemente gráfico e visual. Do grupo, destacam-se Joaquim Branco e Aquiles Branco. Como parte da tentativa de revitalização do espaço cultural da cidade, são criados dois festivais audiovisuais e de música, nos quais se nota a participação de nomes como Gilberto Gil e a revelação da cantora Maria Alcione. Esse festival de grande inventividade pelas soluções visuais ancoradas à música, viria a influenciar o formato de outros programas do gênero no Rio de Janeiro.

Durante os anos 70, Francisco Inácio Peixoto luta contra o abandono do patrimônio artístico do Colégio Cataguases e pela restauração e conservação do "Painel de Tiradentes". Após inúmeras tentativas de volta à população local e ao governo mineiro, desiste e o painel é vendido para o Governo de São Paulo, encontrando-se, atualmente, no Memorial da América Latina. Segundo palavras do próprio Francisco Peixoto, em correspondência a Lais Correia de Araújo:

"Bem que eu gostaria que o Tiradentes fosse para outras plagas. Cheguei à conclusão de que Cataguases não o merece e nem tem condições de preservá-lo. E não só Cataguases: Minas também."

A triste constatação de Francisco Peixoto só poderá ser reparada a partir das novas gerações de cataguasenses que hoje reavaliam e revalorizam o impulso modernista que transformou visual e urbanisticamente a feição da cidade. As obras modernas que surpreendem o visitante desavisado, por sua presença cotidiana, correm o risco de passarem despercebidas pela própria população local, tornando-se um lugar comum. Mas a insinuação dessa modernidade visual não deixa de reverter-se, hoje, de importância mais que artística, histórica e patrimonial. Constitui-se em referência daquela inquietude própria ao "espírito moderno" que contagiou os artistas e a intelectualidade brasileira dos anos 20.

Esse primeiro exercício de análise do fenômeno ocorrido em Cataguases, ainda que incipiente e narrativo, nos levou a convidar com essa atmosfera do desejo de ser moderno, que impulsionou a imporção de artistas e suas obras em uma composição mosaico do fato visual modernizante. É possível, portanto, compreender que se o movimento literário de 27 deixou a semente da modernidade, essa frutificou, se não em cidades locais, ao menos numa vontade modernista que transformou um artista num grande museu de concepções novas, abertas à releituras constantes e que se revela a cada geração num impulso de movimento, seja na criação ou seja na importação de tendências artísticas avançadas.

Cristina Ávila
Historiadora /UFMG
Mestranda em História da Arte /USP
Pesquisadora e Professora da UFMG